

Epicuro e a morte como perda da subjetividade

Markus Figueira da Silva
Departamento de Filosofia da UFRN

"A morte não é jamais uma experiência que se oferece a um particular, mas somente um acontecimento ao qual nós podemos assistir" (Pesce, 1974, p.61)

As reflexões epicúreas sobre o 'modo de ser' do *sophós* indicam um conjunto de preceitos a serem seguidos por todos os que buscam uma existência serena, livre dos tormentos que comumente assolam as almas dos homens, isto é, daqueles que acatam, sem mais, opiniões vazias de sentido propagadas nas crenças populares e se deixam afetar profundamente por elas. Epicuro se insurge sobretudo contra o sentido de certas crenças que projetam para além da vida o sentido de viver, ou contra aqueles que constroem "causas imaginárias"², que sustentam a hipótese de realização de uma 'outra vida' após a morte.

Estas crenças já existiam há muito antes do aparecimento de Epicuro e continuaram a vigorar até hoje como fundamento de muitas religiões. Entretanto, paralelamente aos cultos da "morte" e da "reencarnação", outros pensadores tentaram esvaziar o sentido de toda e qualquer proposta que tivesse por meta erguer a partir da morte um "projeto de outra vida". Talvez tenha sido Epicuro o primeiro a formular em proposições, que a morte não deva ser um problema para o homem, enquanto ele vive e tem uma clara compreensão do limite desta vida. Dito de outro modo, a morte não é suficientemente consistente para ser pensada exaustivamente pela Filosofia. O motivo de tais reflexões é que os homens em geral têm com a morte uma relação de temor; este temor é fonte de tormentos que adoecem a alma e impedem-na de obter o equilíbrio necessário a uma vida feliz. Portanto, se a filosofia tem por finalidade alcançar a *ataraxía*, isto é, a

imperturbabilidade da alma, e a preocupação com a morte gera perturbação, logo tal preocupação não deve ser objeto da filosofia.

Mas o que pode calar a voz desse “demônio” e livrar de uma vez os homens do temor da morte?

Toda a argumentação epicúrea é extremamente coerente com os princípios da sua *physiologia* e suficiente para demonstrar que não há necessidade de se temer a morte, nem tampouco de se conjecturar acerca de uma vida após a morte.

A leitura da Carta a Meneceu revela que “não há nada a temer na morte”. Algumas máximas epicuristas preservadas também por Diógenes de Laértios no livro X da obra Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres, revelam o esforço de Epicuro em esclarecer que não há sentido em temer a morte. E, finalmente, Diógenes de Oenoanda imprimiu no muro de sua cidade o famoso *tetraphármakon*, composto de quatro ensinamentos dos quais o segundo nos comunica que não há nada a temer quanto à morte. De algum modo deve-se reconhecer o empenho de Epicuro em querer curar a alma daquilo que considerava em sua época uma das principais moléstias - a crença segundo a qual a morte deva ser temida. Para ele, o decisivo era purificar a alma de temores vãos.

Procederemos a seguir a análise dos parágrafos 124-127 da Carta a Meneceu, nos quais torna-se evidente a partir de uma argumentação consistente que o temor da morte é sem sentido, e que portanto a morte não é um problema. O encaminhamento dado por Epicuro nos sugere que a filosofia deve se ater à vida; ou melhor: à realização da vida.

No passo 124, está escrito:

“Acostuma-te a pensar que a morte nada é em relação a nós. Efetivamente, todos os bens e males estão na sensação, e a morte é privação das sensações. Logo, o conhecimento correto de que a morte nada é para nós torna fluível a mortalidade da vida, não por atribuir a esta uma duração ilimitada, mas por eliminar o desejo de imortalidade”. (D.L., X, 124 - 125)

Para uma melhor compreensão do teor desta proposição decidiu-se por dividi-la em quatro partes, segundo a ordem do texto, que apresenta em primeiro lugar a sentença:

“Habitua-te a pensar que morte nada é em relação a nós”.

“Synéthize dè en tōi nomízein medèn pròs hemās einai tòn thánaton”.

Há entre os comentadores e tradutores dos textos de Epicuro uma longa discussão sobre a melhor tradução e sentido dessa afirmação³, entretanto, considera-se aqui mais conveniente a de Marcel Conche⁴, que assinala: “habitua-te a pensar que a morte nada é em relação a nós (*la mort n'est rien par rapport à nous*), por enfatizar o sentido que a morte pode ter em relação a nós, ou ainda, que a morte não nos concerne em nada. Epicuro fundamenta sua afirmação na identificação entre viver e sentir; ou seja: se morrer significa não mais sentir, então nenhuma vida sobrevém à morte. Com relação a isto, as proposições acerca da *phýsis*, contidas na Carta de Heródoto dão consistência a esta afirmação por explicitarem que: a alma (*psyché*), ou aquilo que movimenta o corpo e permite que ele tenha sensações, é corpórea; que com o desfalecimento deixa de existir como (*sómatos*) e tem os seus átomos desagregados. Epicuro desenvolve nas partes subsequentes a argumentação que sustenta sua proposição. Na primeira delas ele sintetiza o que seria a natureza da sensibilidade:

“... Efetivamente, todos os bens e males estão na sensação, e a morte é privação das sensações ...”

“... Epeì pān agathòn kai kakòn en aisthesei, stéresis dé estín aisthéseos lo thánatos ...”

A sensibilidade existe na interdependência entre corpo e alma. Pode-se dizer que a sensibilidade só é possível num movimento que envolve um páthos e um efeito psíquico, ou seja, as sensações podem ser físicas mas têm repercussões na alma, que através de impressões (*prolépsis*) produzem uma memória afetiva. O que resulta deste processo de constituição das sensações são dois estados antagônicos: o prazer (*hedoné*) e a dor (*álgos* e *lýpe*). Assim, expõe-se o sentido de identificação do prazer com todo bem e da dor com todo o mal. O sentido da vida só pode ser expresso a partir das afecções geradoras das sensações (*aisthesis*). A busca do prazer é ao mesmo tempo ‘sentido para a vida’ e ‘medida de ser’, ou de *phýsis*. A compreensão lúcida da relação entre corpo (*Sarkós*) e alma (*psyché*), na medida em que eles produzem sensações que dão sentido ou noção (para/de) vida, evidencia um todo que é o homem - e a natureza de sua realização. Toda e qualquer relação entre homem e mundo só pode ser sensitiva, porque se parte do presuposto segundo o qual o homem

só é na medida em que sente. A ausência de qualquer sensação significa morte. Não há nada a dizer sobre ela. Nada se expressa com sentido fora da sensação. Não se pode projetar a vida para além dos limites da sensibilidade.

Tudo isso se complementa perfeitamente segundo um raciocínio (*logismós*) que identifica a realização da vida ao exercício físico e animico da sensibilidade. A morte é, portanto, privação das sensações; o que vale dizer que a morte não é nem bem nem mal, porque bem e mal só podem ser pensados com relação àquele que sente e traduz para si o efeito que tal sensação produz: prazer ou dor, isto é, bem ou mal.

“...Logo, o conhecimento correto de que a morte nada é em relação a nós torna fluível a mortalidade da vida ...”

“... Hóthen gnosis orthè tou methèn einai pròs hemàs tòn thánaton apolaustòn poiei tò tes zoes thnetón ...”

O modo pelo qual se pensa a vida é sob todos os aspectos busca de realização. Todo o sentido da vida é posto na vida e não há sentido em pensar em algo mais “fora da vida”. O limite não é temido, ao contrário, é compreendido do mesmo modo como é compreendida a finitude. Pensar a morte como limite da vida é pensá-la como um acontecimento natural e necessário. É preciso que se pense na morte com tranquilidade. Neste sentido, não tornar a morte em algo que deva ser temido é projetar todos os “anseios” para a própria vida, isto é, viver intensamente e de modo sereno. Alimentar a vida de modo a realizá-la livre de qualquer construção imaginária que possa ou venha a negá-la. Aqui, viver de acordo com a natureza, quer significar compreendê-la na medida em que se busque realizá-la. Pensar a vida e vivê-la torna-se uma só coisa, fluível e tranquila, porque suficiente, isto é, independente de fabulações e, sobretudo, das crenças em tais fabulações.

Curiosamente, mantém-se aqui, num sentido diverso, a máxima socrática, reeditada por Montaigne, segundo a qual “filosofar é aprender a morrer”. O sentido é outro, bem diferente das projeções de uma outra vida para além desta vida. O sentido exato é o de uma vida bem vivida; isto é, intensamente vivida, segundo o critério de boa realização desta vida e do critério do bem ou do prazer associado à *phrónesis*.

Mais uma vez, a base “*physiológica*” sobre a qual se ergue toda a argumentação que ora se expõe é a compreensão de *psyché* como um corpo (composto de átomos qualitativamente diferentes dos átomos

que constituem o *sarkós*). A compreensão de que a alma se desagrega com a morte do indivíduo causa no homem um certo desprendimento, ou seja, leva a uma valorização máxima da vida. A vida é plenitude sob todos os aspectos. A filosofia é um exercício que torna a vida a todo momento carregada de sentido e de vigor. O apagar da chama é tão inevitável quanto o calor que dela emana. E por isso mesmo não precisa ser motivo de inquietação ou temor. A morte é o último acontecimento da vida, só que dele não chegamos a tomar conhecimento. Ela acontece como ausência de sentidos. Ela pode ser pensada como o vazio pode ser pensado, mas em si mesma e para nós, ela nada pode significar.

“... Não por atribuir a esta uma duração ilimitada, mas por eliminar o desejo de imortalidade ...”

“Ouk ápeiron prostitheisa chorónon, allà tòn tes athanasías apheloméne póthon”.

A questão ensejada por Epicuro sobre a finalidade do conhecimento acerca da morte expõe uma medida para o conhecer. Aqui conhecer é compreender o limite do que pode ser dito e do que pode ser imaginado. O sábio busca o conhecimento daquilo que se lhe apresenta como passível de ser pensado a partir dos elementos da sensibilidade. As sensações (*aísthesis*) inalguram o processo de conhecimento que é complementado pelas projeções do pensamento (*epibolé tês diánoias*) porém interessa sobretudo compreender os limites de tais projeções, para que não ultrapassem as raias da coerência, cujo referencial é a morte enquanto fato, acontecimento, cujo conteúdo não existe, é insondável.

Assim, pensar a morte pode significar estabelecer uma medida de poder para este pensar. O pensamento é narrativo (descrição do fato) ou imaginário: em ambos os casos ele se dá sem qualquer experiência do acontecimento-morte. Logo, o conteúdo do pensamento narrativo limita-se à constatação do fato e da sua necessidade. A morte está subsumida num processo maior - e este sim experimentado - que é a vida, como perda de sensibilidade, sem qualquer possibilidade de consciência do que já não é. O pensamento imaginante quase sempre ultrapassa os limites da experiência, configurando um 'novo universo', podendo até compreendê-lo como a continuação imaginária que se expõe a partir do ocaso da vida. Este tipo de “conforto” traz por vezes um desconforto e uma inquietude, que seriam o temível desejo de imortalidade. Mas o que seria este desejo, aos olhos de Epicuro? Temor.

A exceção do vazio (*kénon*) tudo o que existe, além de verdadeiro, é sensível. A morte é perda de sensibilidade, portanto, ela não existe substancialmente enquanto objeto de pensamento. Então porquê torná-la (dotá-la) de uma substância incerta e imaginária, que estranhamente se reveste de cunho religioso, onde o crer está associado ao sentir? E ainda, por quê sofrer por antecipação?

Epicuro diz que o sofrimento com a perspectiva da morte é uma antecipação, ou seja, ele reside na espera do fato. Lê-se no pano 125:

“É insensato, portanto, quem diz que teme a morte não porque sua presença pode causar sofrimento, mas porque sua perspectiva faz sofrer. Aquilo que não perturba quando está presente causa somente um sofrimento infundado quando é esperado”.

“Hoste mátaios ho légon dediénai tòn thánaton ouch hóti lypései parón, all’hóti lypei méllon. Hò gâr parón ouk enochlei, prosdokómenon kenôs lypei”.

É na perspectiva da morte que se projeta o imaginário sob a forma de crenças ou como chamava Epicuro ‘opiniões vazias’ (*kenón dóxa*) O sofrer por antecipação quer dizer exatamente negar a possibilidade de tornar a vida em algo prazeroso. Isto não é coerente com a natureza das coisas, pois o sábio “não renuncia à vida nem teme a cessação da vida”. Ele parece ter a nítida compreensão de que a morte é para muitos apenas um nome, mas um nome temível. Por quê? Se para o sábio, ou aquele que medita sobre a bela vida, a naturalidade da morte implica numa compreensão física deste acontecimento? Esta compreensão engendra tranquilidade e não temor ou fantasia. Ao filósofo basta a imagem da morte enquanto momento/ acontecimento final da vida. Esta imagem só é possível mediante uma certa “projeção do pensamento” (*epibolè tês diánoias*), mas não pode ser caracterizada em momento algum como objeto.

Serve como ilustração para as proposições epicúreas o comentário de Feuerbach (*Sammtliche Werke*, X, p. 84):

“A morte não é nada (nela mesma), ela não é nem absoluta, nem positiva e não tem realidade senão na imaginação do homem”.

Na perspectiva do pensamento de Epicuro a morte permanece uma questão aberta e insondável, porque de alguma maneira ele

entende que quem busca tecer uma sabedoria de vida, não se deixa seduzir por verdades imaginárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. PESCE, D. Saggio Su Epicuro, Bari, Laterza, 1974, p. 61
02. NIETZSCHE, F. Crepúsculo do Ídolos, São Paulo, Hermus, 1982, p.23
03. Para um estudo completo sobre as questões filosóficas implicadas nesta tradução, ver Jean Salem - Comentaire de la lettre d'Epicure à Ménécée, in Revue Philosophique, n 3, 1993, pp. 513-549.
04. CONCHE, M. Epicure: Lettres et Maximes, Editions de Mégare, Villers-sur-mer, 1977.